

Revista da Extensão

Jul 2017 / N°14

ISSN 2238-0167

Entrevista com **Liliane Ferrari Giordani**

A cor como estímulo sensorio motor: cobrindo lacunas na educação em Artes Visuais para a primeira infância

A percepção da comunidade acadêmica da UFRGS acerca da acessibilidade na Universidade

Carta aberta sobre o aprender do extensionista

Filosofia no Ensino Médio: uma abordagem prática

Observatório do esporte paralímpico e Jogos Rio 2016: reflexões sobre a visibilidade e a memória do paradesporto

O Plano de Parto como instrumento de inovação tecnológica para o parto e o nascimento

O observatório do cotidiano: memórias da Vila Dique 2015

DESTAQUES SALÃO DE EXTENSÃO 2016

Conexões Afirmativas: oficinas com estudantes de escolas públicas

Projeto Laboratórios Abertos

Projeto Informática e Comunicação no Ensino Fundamental

Teko Porã, Bem Viver e Saúde: algumas perspectivas para trabalhar com concepções ampliadas de cuidado em saúde

Educação Postural para a Comunidade

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



O NEHME PARALÍMPICO É UM PROJETO QUE BUSCA DESVELAR E MANTER VIVA A MEMÓRIA DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO.

DOCUMENTÁRIOS

ÁLBUM DE IMAGENS

ENTREVISTAS

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



Observatório do esporte paralímpico e Jogos Rio 2016: reflexões sobre a visibilidade e a memória do paradesporto

Juliana Maia: Comunicação Social – Jornalismo - UFRGS
Janice ZarpellonMazo: Ciências do Desporto/ ESEFID -UFRGS

A prática esportiva para pessoas com deficiência tem suas origens em ambientes hospitalares onde, inicialmente, foi utilizada como meio de reabilitação. Naquele contexto, alguns esportes

foram adaptados à prática em cadeira de rodas, tais como o basquetebol e o tiro com arco. Com o passar do tempo, competições esportivas entre os pacientes em reabilitação foram realizadas, e a expansão deste movimento deu origem ao que

hoje conhecemos como o maior evento esportivo mundial entre as pessoas com deficiência: os Jogos Paralímpicos.

Com a realização da primeira edição dos Jogos Paralímpicos em Roma, no ano de 1960, diferenciou-se os chamados “esportes adaptados” dos “esportes paralímpicos”. Os primeiros passaram a ser entendidos como qualquer prática esportiva que tem suas regras, materiais e locais de realização modificados para atender pessoas que possuem algum tipo de comprometimento ou deficiência. Já os esportes paralímpicos foram compreendidos enquanto práticas adaptadas para pessoas com deficiência, que fazem parte dos Jogos Paralímpicos (PARSON; WINCLER, 2012). Ressaltamos, portanto, que nem todo esporte adaptado é, necessariamente, esporte paralímpico, como, por exemplo, o handebol em cadeira de rodas.

O esporte paralímpico pode ser definido, portanto, como a prática criada ou modificada, a partir de modalidades de alto rendimento, para suprir as necessidades das pessoas com deficiência, a partir de mudanças realizadas nas regras, nos fundamentos ou na estrutura da modalidade em questão (WINNICK, 2004). O esporte paralímpico pode ser também compreendido de modo mais amplo, como uma forma de inclusão social, por possibilitar ao atleta praticante, dentre outras conquistas, o reconhecimento e a valorização de seus feitos esportivos e não apenas a superação de sua deficiência (MARQUES et al., 2012). Ao mesmo tempo, trata-se de um ambiente de alto rendimento fortemente dependente de um sistema de classificação funcional, que busca tornar a disputa entre os atletas mais igualitária (BORGSMANN; ALMEIDA, 2015). No entanto, mesmo sendo um campo de atuação da Educação Física e estar inserido no universo do esporte de alto rendimento, o esporte paralímpico nem sempre recebeu a devida atenção de estudiosos da área.

Em busca de indícios desta constatação, citamos o estudo de Carmona et al. (2016), o qual buscou apresentar um panorama acerca dos conteúdos

relativos à atividade física para pessoas com deficiência e ao esporte adaptado nos cursos de Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Segundo os autores (2016), historicamente, as pessoas com deficiência receberam pouca atenção em pesquisas acadêmicas. Nas últimas décadas, entretanto, tem ocorrido uma significativa mudança nesse quadro, sendo esta alteração impulsionada, sobretudo, pela atenção que cursos de pós-graduação na área da Educação Física passaram a dedicar a este contexto. Talvez, esta nova conjuntura possa ter influenciado a escolha do Brasil como sede dos Jogos Paralímpicos de 2016 e até mesmo o expressivo desempenho da delegação nesta competição. O Brasil vem conquistando resultados, cada vez melhores nas últimas edições dos Jogos Paralímpicos, mas cabe ressaltar que o “destaque alcançado resulta de esforços da iniciativa de atletas, familiares e treinadores, das associações dedicadas às pessoas com deficiência, e das entidades esportivas organizadas no país” (MAZO; SCHMITT; BERTOLDI, 2016, p. 655)

Tendo em vista o panorama apresentado, o projeto de extensão que deu origem ao “Observatório do Esporte Paralímpico” foi concebido a partir da constatação, por parte da coordenadora do “Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física” (NEHME), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), professora doutora Janice Zarpellon Mazo, de que havia uma carência de pesquisas no campo do esporte paralímpico brasileiro. Além disso, percebeu a necessidade de investimento no que concerne à formação de profissionais de Educação Física para atuar junto das pessoas com deficiência. Diante disso, estudantes de graduação e de pós-graduação vinculados ao NEHME, com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), durante dois anos de trabalho de pesquisa, criaram um acervo, no qual estão reunidos materiais sobre o esporte paralímpico no Brasil.

Foram localizadas reportagens em jornais impressos e *online* e em revistas, além de terem

sido produzidos documentários e outros materiais para consulta. Dentre o material garimpado e produzido, destacamos as entrevistas com atletas, treinadores e dirigentes que fizeram parte da história do esporte adaptado e paralímpico no País. Como produto final, após a coleta deste acervo, foi criado o “Observatório do Esporte Paralímpico” (Figura 1), hospedado no endereço eletrônico <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico>, no qual podem ser acessados os documentários produzidos pelo NEHME, os perfis dos atletas, treinadores e dirigentes entrevistados, as reportagens sobre o esporte adaptado e paralímpico, assim como textos informativos sobre as modalidades que fazem parte do programa oficial dos Jogos, classificação funcional e quadro de medalhas.

No que se refere aos recursos humanos envolvidos, além da idealizadora e coordenadora do Observatório, há pesquisadores associados oriundos de diferentes instituições, estudantes de graduação e de pós-graduação, uma jornalista, que é estudante do curso de Educação Física. Cabe referir a existência de colaboradores egressos, os quais são pessoas que ajudaram no projeto em um determinado momento. Os pesquisadores e estudantes estão envolvidos em diversas atividades de pesquisa e ensino, as quais são interligadas por este projeto de extensão, conforme indicado na Figura 2.

Diante de tais considerações, este registro tem por objetivo apresentar a fase de construção e as primeiras ações promovidas pela equipe de trabalho do “Observatório do Esporte Paralímpico”.

Fundamentação Teórico-Methodológica

O projeto de extensão “Observatório do Esporte Paralímpico”, está interligado com os resultados alcançados pela pesquisa intitulada “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)”. Esta ampla pesquisa

buscou investigar, historicamente, o desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil, desde a primeira participação de atletas brasileiros em Jogos Paralímpicos em 1972, até o ano de 2012. Para isso, foram utilizados procedimentos de revisão bibliográfica, pesquisa documental, coleta de depoimentos orais e fontes imagéticas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, sob o número 27331, e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a gravação em vídeo ou áudio da entrevista, bem como o uso dos depoimentos orais e das imagens em trabalhos acadêmicos que, por ventura, fossem produzidos. Ressaltamos que, antecedendo a etapa de disponibilização destes materiais de maneira *online* no endereço eletrônico do Observatório, tais fontes receberam um tratamento de pesquisa e checagem de informações. Foi realizada análise de produção de conhecimento na área dos esportes adaptados e paralímpicos, na qual foram identificadas 63 revistas de Educação Física que abordam essa temática. Foram coletados o depoimento de 30 atletas paralímpicos e sete treinadores, a fim de montar um mosaico de memórias sobre a atuação dos brasileiros nos Jogos Paralímpicos, desde suas primeiras participações. Os atletas trouxeram suas percepções e lembranças da época que vivenciaram o esporte paralímpico brasileiro, com depoimentos coletados por meio de áudio e vídeo.

A extensa pesquisa deu origem ao site Observatório do Esporte Paralímpico (<https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico>), no qual são encontradas informações sobre as modalidades paralímpicas, suas regras e seu sistema de classificação funcional, galeria de imagens, notícias e, por fim, uma página que disponibiliza o perfil dos atletas entrevistados, bem como uma página com links para vídeos originalmente postados no *YouTube*. Esses vídeos foram produzidos pelo próprio NEHME, a partir do material audiovisual gravado nas entrevistas com atletas e treinadores e, editados em forma de documentário. A galeria contendo o perfil dos atletas, ainda residia vazia no período anterior ao início dos Jogos

Paralímpicos Rio 2016, afinal estavam sendo realizadas as degravações do extenso material. O site do Observatório, por ainda se encontrar em processo de construção e desenvolvimento, não havia passado por uma ação de divulgação massiva. Pouco antes do início dos Jogos, a “aba” que contém o tópico “Entrevistas” passou a ser alimentada com pequenos resumos dos depoimentos concedidos aos pesquisadores, que se transformaram em perfis dos atletas e treinadores entrevistados, contendo, porém, declarações inéditas de cada um. Esse trabalho estava em plena atividade quando do início dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. No entanto, cabe ressaltar que, além de pequenas citações em redes sociais, nenhum método de divulgação do site do Observatório ocorreu nesta época, o que é um dado importante, pois gerou muita reflexão por parte do grupo.

O Observatório e os Jogos Paralímpicos

Embora não tenha havido uma divulgação massiva do site Observatório do Esporte Paralímpico durante os Jogos Rio 2016, observamos um aumento nos acessos dos vídeos produzidos e postados no *Youtube*, havia mais de um ano. As estatísticas da rede social mostraram um aumento nas visualizações, com destaque para o documentário que apresentou Ricardinho, atleta da seleção brasileira de Futebol de 5, com um grande pico de acessos durante a época dos Jogos (Figura 3). O atleta, artilheiro e destaque da seleção, já havia sido eleito o melhor jogador de futebol de cegos do mundo aos 16 anos, mas parece ter ganhado maior visibilidade nessa edição dos Jogos.

Além disso, a professora Janice Zarpellon Mazo, foi convidada por diversos veículos da imprensa



Figura 2 – Integrantes do Observatório do Esporte Paralímpico da UFRGS, 2016. Fonte: Elaborada pelas autoras.

para realizar entrevistas sobre o esporte adaptado. Dentre elas, destacamos a entrevista cedida ao programa de estreia da série Dimensão Olímpica – História do Esporte, produzido pela UFRGSTV (<https://www.youtube.com/watch?v=LKVEREFemxc&feature=share>). Além deste, a professora participou também do programa Tema Livre, apresentado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, no dia 21 de setembro de 2016. Na ocasião, a referida professora comentou sobre a formação profissional em Educação Física para atuar no campo do esporte adaptado e paralímpico, como também sobre os esportes-surdos no Brasil.

É interessante notar que o site do Observatório aparece na quinta página de resultados do Google, na busca por “esporte paralímpico”, mas salta para a primeira página de resultados, sendo o sexto resultado mostrado, quando é adicionada a palavra “pesquisa” a essa mesma busca¹. Os pesquisadores que participaram do projeto, perceberam maior interesse por parte de colegas e de alunos de graduação no desenvolvimento de aulas práticas e oficinas acerca do esporte adaptado. Cabe ressaltar que o NEHME ofereceu a disciplina eletiva de Esporte Adaptado, em semestres distintos, para alunos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da UFRGS. Além disso, a coordenadora do projeto organizou uma disciplina de “Seminário Avançado: estudos histórico-sociais sobre o esporte paralímpico” para ser oferecida aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS.

O interesse e a busca pelo contato com os integrantes do NEHME nessa época podem indicar que não somente houve uma maior procura pelo tema, a partir da grande visibilidade que os esportes adaptados e paralímpicos receberam, quanto podem confirmar que há uma carência de profissionais capacitados para tratar desse assunto

em nível acadêmico. Ademais, alguns contatos tiveram como origem a descoberta do site do Observatório, o que nos levou a refletir sobre a disponibilidade de fontes sérias de pesquisa ao alcance do grande público sobre o esporte adaptado. Uma das funções do Observatório é justamente “manter viva a memória do esporte paralímpico, mas também divulgar as distintas versões sobre a construção deste campo esportivo no Brasil” (MAZO; SCHMITT; BERTOLDI, 2016). Um dos diferenciais do resultado dessa pesquisa é justamente construir a história por meio dessas versões, dos diversos olhares das pessoas que a testemunharam.

A pesquisa produzida pelo NEHME e os dados disponibilizados pelo Observatório do Esporte Paralímpico, apesar de coletados com rigor científico, trazem relatos humanizados, emocionantes e, muitas vezes, descontraídos dos atletas e treinadores entrevistados. É um material que permite uma viagem no tempo para que possamos compreender as peculiaridades da realidade brasileira nos Jogos Paralímpicos ao longo dos anos, as dificuldades encontradas e a força motriz que foi capaz de superá-las: os atletas, os treinadores, seus familiares. Apesar de haver uma tendência natural para que haja uma forte comoção com relação à história das pessoas com deficiência – com razão, afinal, são trajetórias que inevitavelmente sobrepujarão obstáculos, adversidades e privações –, a história do atleta supera este entendimento, pois demonstra, conforme relatado por Marques (2012) um reconhecimento de seus feitos no campo esportivo que, no entanto, podem ultrapassar a esfera desse campo, trazendo também o reconhecimento na esfera social. Uma história construída a partir do olhar desses sujeitos é passível de lhes conferir representatividade, algo que esteve em discussão durante todo o acontecimento dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

A visibilidade tanto dos atletas paralímpicos quanto do próprio esporte no Brasil é um ponto que merece uma reflexão. As Paralimpíadas hoje podem ser consideradas tão importantes quanto

1. Em pesquisa realizada em 11 de novembro de 2016. No entanto, pesquisa realizada no mês de outubro mostrou o site do Observatório na terceira página de resultados na primeira busca, o que pode indicar um maior crescimento na produção cibernética, no período, sobre esporte paralímpico.

os Jogos Olímpicos, pois também necessitam grande estrutura de voluntários e trabalhadores para sua realização, comportam um grande número de nações, delegações e atletas, e, igualmente, possuem grandiosas cerimônias de abertura e encerramento. No entanto, apesar de um evento desse porte acontecer no Brasil, ele não obteve a mesma atenção da mídia para sua divulgação. Na televisão fechada, apesar de afirmar estar preparando uma grande cobertura dos Jogos Paralímpicos, o canal SporTV disponibilizou quatro canais² para a transmissão desse evento, em contraponto com os 16 canais que foram disponibilizados para os Jogos Olímpicos³. A cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos foi transmitida em televisão aberta apenas pela TV Brasil⁴, a exemplo do que aconteceu com a estreia de Ricardinho e a Seleção Brasileira de Futebol de 5, que viria a ser tetracampeã paralímpica, uma potência do futebol mundial. Em termos gerais, a atenção da mídia aos Jogos Paralímpicos foi bastante contida⁵, o que não diminuiu a empolgação de brasileiros a partir do momento em que puderam vislumbrar a atuação do país no paradesporto.

As impressões coletadas em redes sociais, apesar de carecerem de métodos rígidos de pesquisa, hoje pautam sistematicamente a imprensa, que baseia boa parte de sua cobertura de eventos nas manifestações do público das redes. A insatisfação do público com esse aparente descaso da mídia nacional foi uma constante durante toda a duração dos jogos. No entanto, é interessante

2. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/paralimpiadas-rio-2016/noticia/2016/09/sportv-prepara-grande-cobertura-para-os-jogos-paralimpicos-rio-2016.html>, acesso em 11 de novembro de 2016.

3. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/08/sportv-anuncia-programacao-dos-16-canais-em-hd-para-os-jogos-do-rio.html>, acesso em 11 de novembro de 2016.

4. Disponível em: <https://diversao.terra.com.br/guiadasemana/transmissao-da-abertura-dos-jogos-paralimpicos-2016-na-tv,c46550f165f404811fe8f1b3b29e5710nr3ojnpe.html>

5. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1810512-diferente-da-olimpiada-transmissao-da-paraolimpiada-sera-enxuta-na-televisao.shtml>



Figura 3 – Documentário sobre o atleta Ricardinho obteve um pico de acessos durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016, apesar de não haver divulgação massiva. Fonte: Canal do Observatório Paralímpico no YouTube <<https://www.youtube.com/watch?v=MmC8pDfydqw>>

perceber que não somente no Brasil houve o apontamento de uma cobertura inapropriada por parte da imprensa. A NBC *Olympics* culpou o calendário ruim⁶, devido à proximidade com os Jogos Olímpicos e a consequente fadiga dos investidores, pela cobertura fraca dos Jogos Paralímpicos. No entanto, as críticas ao Brasil, contam com o peso de se tratar do país sede dos Jogos.

No final do mês de agosto, havia uma notável preocupação com relação ao público dos Jogos Paralímpicos, pois apenas 20% dos ingressos haviam sido vendidos a poucos dias do início do evento⁷, apesar de ter sido anunciada 100 dias antes da estreia em 7 de setembro de 2016, uma campanha da Prefeitura do Rio de Janeiro para distribuir mais de 500 mil ingressos às pessoas com deficiência, alunos da rede municipal de ensino e servidores daquele município⁸. Apesar

6. Disponível em: <http://portalimprensa.com.br/noticias/internacional/53961/nbc-culpa+calendario+esportivo+por+cobertura+r-uim+dos+jogos+paralimpicos>

7. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/com-20-dos-ingressos-da-paralimpiada-vendidos-campanha-convoca-publico>

8. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/a-cem-dias-dos-jogos-paralimpicos-baixa-procura-de-ingressos-preocupa-1-19401934>

das preocupações, os Jogos Paralímpicos transcorreram com boa presença de público.

Questões que se relacionam com a negação do corpo e da voz da pessoa com deficiência, acompanham essas trajetórias desde o início da história da humanidade, com comportamentos de eliminação, menosprezo e destruição dessas pessoas (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008). Em tempos em que a temática da inclusão se faz cada vez mais presente e necessária, numa época em que a pessoa com deficiência é reconhecida como parte da sociedade, que existem reservas de vagas em concursos públicos, que crianças com deficiência são matriculadas em escolas regulares, ainda existe pouco espaço para a representatividade? Pesquisadores podem contar a história do esporte paralímpico no Brasil, mas é crucial que eles possam transmitir as palavras e traduzir as vozes das pessoas com deficiência, trazendo estes relatos para o meio acadêmico.

Os pesquisadores que participaram do projeto de extensão, que deu origem ao Observatório do

Esporte Paralímpico, acreditam que o acervo de sua pesquisa pode vir a se tornar uma referência no assunto, afinal, está alicerçado na pesquisa e na extensão e possui uma equipe com interesse em promover a visibilidade ao esporte paralímpico. O resultado da pesquisa, na forma do site, é um ponto de convergência entre informação e memória do esporte em um espaço que evidencia as experiências de treinadores atletas, além de ser uma coletânea que, de forma palpável e prática, resulta de uma pesquisa acadêmica de extensão.

A partir disso, o grupo está trabalhando para continuar realizando novas entrevistas e pesquisas, bem como alimentando o site e aumentando seu acervo, a fim de referendar o site como um instrumento na memória do esporte adaptado do Brasil. Ressalta-se ainda, a importância de não apenas possuir um memorial dos atletas e treinadores que ajudaram a construir o esporte adaptado no país, mas também torná-lo amplamente acessível para a população, com o propósito de fomentar ainda mais o interesse e o respeito pelo esporte adaptado. ◀

Referências

BORGMANN, T.; ALMEIDA, J. J. G. de. Esporte paralímpico na escola: revisão bibliográfica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 53-68, jan./mar. 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 23, n. 4, p. 515-527, out./dez., 2012.

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação**. In: Mauerberg-de Castro E. Atividade física adaptada. Ribeirão Preto: TecMedd, 2005, p. 437-83.

NEHME. Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física – O NEHME Paralímpico. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/projeto/>. Acessado em: 07 de dezembro de 2016, às 10h00min.

PARSONS, A.; WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p 1-14.

RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 2, p. 293-310, mai./ago. 2008.

SILVA, A. A. C.; MARQUES, R. F. R.; PENA, L. G. S.; MOLCHANSKY, S.; BORGES, M.; CAMPOS, L. F. C. C.; ARAÚJO, P. F. J. P. B.; GORLA, J. I. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 679-87, out./dez. 2013.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3a Ed.: Barueri: Manole; 2004.